

Artesanato e resistência: uma leitura decolonial da arte para mulheres do campo

Handicrafts and resistance: a decolonial reading of art for women in the countryside

*Katia Alexandra dos Santos*¹

*Maria Eduarda Roberti*²

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo investigar, por meio de uma leitura decolonial, os sentidos das práticas artísticas/artesanais de mulheres do campo, a fim de compreender se podem se constituir como modos de resistência frente às diferentes formas de opressão. As participantes foram convidadas a partir de uma página de artesanato em uma rede social e utilizamos como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas e diário de campo. Os resultados demonstraram a importância do artesanato como estratégia de resistência para estas mulheres e as questões de gênero e ligadas ao capitalismo que atravessam essa prática no contexto rural. As participantes trouxeram pautas que colocam em questão o modo como produzimos conhecimento, possibilitando pensar sobre o nosso lugar enquanto pesquisadoras.

Palavras-chave: Artesanato. Arte. Mulheres do campo. Estratégias de resistência. Feminismo decolonial.

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo indagar, a través de una lectura decolonial, los significados de las prácticas artístico/artesanales de las mujeres rurales, con el fin de comprender si pueden constituirse como modos de resistencia contra diferentes formas de opresión. Las participantes fueron invitadas desde una página de artesanía en una red social y se utilizó como instrumento de recolección de datos entrevistas semiestruturadas y diario de campo. Los resultados mostraron la importancia de las artesanías como estrategia de resistencia de estas mujeres y las cuestiones de género y capitalismo que atraviesan esta práctica en el contexto rural. Las participantes trajeron lineamientos que cuestionan la forma en que producimos conocimiento, posibilitando pensar nuestro lugar como investigadoras.

¹ Docente no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário (PPGDC-UNICENTRO). Professora adjunta na Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Pós-doutora em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo-USP/ Ribeirão Preto. Mestra em Letras - Estudos Linguísticos - pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Graduada em Letras Português Literatura e em Psicologia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Líder do grupo de pesquisa Laboratório Discursividades, Mulheres e Resistência (UNICENTRO) e membro do grupo de pesquisa Análise do discurso e suas Interfaces (FFCLRP-USP).

² Acadêmica do 5º ano do curso de psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO.

Palabras clave: Artesanía. Arte. Mujeres del campo. Estrategias de resistencia. Feminismo decolonial.

1. Introdução

Acredito³ que a pesquisa tem muita relação com aquilo que se move dentro de nós, com uma vontade de entrelaçar as ideias que surgem com constância e desejo de serem entendidas. Por isso, para dar início a esta pesquisa quero mostrar aquilo que me moveu a construí-la.

Desde que nasci morei com meus pais em um município rural de aproximadamente 4.000 pessoas, em uma residência que fica em um sítio com distância de 10 quilômetros da vila mais próxima e em uma comunidade onde residem mais ou menos 50 famílias. Para chegar à escola demorava aproximadamente uma hora e meia de ônibus, o que fazia com que eu tivesse que acordar às 5:30 da manhã para ir até ela no período matutino, e quando estudava à tarde chegava em casa ao anoitecer. Mas esta pesquisa não é tanto sobre mim, ela é mais sobre essa distância e sobre possíveis aproximações. A

distância de tempo para chegar até a vila, aquilo que para nós se aproxima da “cidade”, mas por ser pequena demais é “vila”. A distância de tempo que demorou para a internet chegar aqui em comparação com outros lugares. E a distância de tempo que ainda demora para que o sinal de telefone chegue, se é que há de chegar algum dia. Essas são distâncias consideráveis. Entretanto, há uma distância em específico de algo que eu, agora, como acadêmica, vejo de forma mais explícita: a da assistência, da rede de serviços que se concentra ao longe, materializando-se de forma faltante no cotidiano frente às várias demandas sociais, entre elas, as situações de violência.

³ Este texto tem autoria dupla, mas em alguns momentos trará uma escrita em primeira pessoa do singular, a fim de dar lugar à experiência da primeira autora do texto, mulher oriunda do contexto rural e que fala dos atravessamentos do seu lugar como estudante/pesquisadora.

No estudo de Borth *et al.* (2018), que se propôs a identificar os serviços que compõem a rede de enfrentamento à violência contra as mulheres rurais na região noroeste do Rio Grande do Sul, além de analisar a comunicação e articulação deles na resolutividade das situações de violência, concluiu-se que há discussão e planejamento pelos profissionais a respeito das ações de enfrentamento, porém, foram identificadas dificuldades na definição de fluxo, no conhecimento das ações e encaminhamentos. Além disso, foi apontado o medo de encarar e notificar a violência, e entendimento de não se tratar de demanda do seu campo de atuação. Foram trazidas também questões a respeito do acesso das mulheres aos serviços, havendo falta de aproximação entre os mesmos.

Em relação a essa problemática identificada no referido estudo, cabe mencionar que, no segundo ano da graduação em psicologia, realizei uma pesquisa de iniciação científica chamada: “Mapeamento de atendimento e enfrentamento à violência contra a mulher na Rede de Proteção e Enfrentamento à Violência do município de Irati-PR”⁴, na qual destacou-se o fato de a rede de enfrentamento à violência contra as mulheres não chegar, de fato, às áreas rurais do município, de maneira que muitas vezes as mulheres do campo não conseguem acessar tais serviços devido à distância territorial.

Levando em consideração a distância da minha comunidade até a vila, onde se localizam alguns dos serviços que constituem a rede de enfrentamento às violências, essa reflexão me trouxe de volta para a minha origem e me fez pensar nesse lugar de mulheres “do interior”, não da mulher do interior que eu sou como a primeira da família a conseguir ingressar na faculdade -e que conseguiu acessar esses conhecimentos devido a várias oportunidades- mas

⁴ A pesquisa atual, assim como a iniciação científica mencionada, faz parte de uma investigação maior chamada “Violência contra a mulher em Irati-PR: mapeamento da incidência e da rede de enfrentamento”, desenvolvida com financiamento do CNPq e aprovada pelo Comitê de Ética, conforme parecer 4.783.428.

de outras mulheres que se aproximam da minha avó que não terminou o ensino fundamental, ou até de minha mãe que chegou a terminar o ensino médio, mas não teve escolha diferente do casamento, da agricultura, e daquilo que quero trazer com muita relevância nesta pesquisa: o artesanato. Essas e outras questões relacionadas ao gênero atravessam a vivência dessas mulheres e também, por isso, esta pesquisa.

Para falar um pouco a respeito das questões de gênero, um marcador importante que se fez visível em minha vida após ingressar na academia, podemos considerá-lo como uma categoria útil de análise, como aponta Scott (1995). Segundo a autora, com intuito de conseguir maior legitimidade e visibilidade em suas produções, feministas da década de 80 utilizavam o conceito de gênero como sinônimo de mulher.

Porém, a autora destaca que esse termo também se refere a construções culturais do que seriam homens e mulheres, não estando necessariamente ligadas ao sexo biológico, sendo assim origens sociais dos papéis relacionados a estas formas de ser. Ainda que tais pressupostos ganhem distância da perspectiva teórica abordada neste texto, trata-se, sem dúvida, de um marcador importante nos estudos de gênero.

Após estudos a respeito dos diferentes feminismos, e sobre o processo histórico presente em suas construções, consideramos relevante o que traz Butler (1998) quando disserta a respeito da insistência sobre a coerência e unidade da categoria mulheres. Segundo a autora, essa insistência rejeita a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas que constroem o espectro concreto das “mulheres”, o que, na tentativa de globalizar, torna-se normativa e excludente, ignorando outras dimensões que marcam privilégios, como raça, classe, etnia, entre outras.

Assim, quando se diz respeito a mulheres das zonas rurais, pode-se visualizar também um outro distanciamento no que se refere a essa categoria “mulheres”, pois dificilmente se vê falar sobre seus medos, seus anseios, suas conceituações, seus conhecimentos e demais fatores que as caracterizam como

mulheres do campo. Trata-se de um público amplo, composto por singularidades, e que será melhor caracterizado no decorrer desta pesquisa.

Embora existam todas essas distâncias mencionadas, o interior há de ter suas aproximações no movimento da comunidade. O artesanato é, a meu ver, um potencializador dessas aproximações, e podemos pensar a utilização do termo “artesanato” a partir de uma diferença em relação às artes, conforme Sanchez e Brandão (2014) afirmam que: “o sistema das artes se estrutura em um trajeto único, totalitário, viciado pelo sistema político e que reproduz as relações econômicas implacáveis da globalização” (2014, p. 690).

Desta forma, são construídas distinções e hierarquias que podemos visualizar nos termos “arte” e “artesanato”, pois, são caracterizadas pinturas em telas como arte, e objetos de argila como artesanato, como trazem os autores. Este sistema, segundo Sanchez e Brandão (2014), se deu a partir da apropriação do termo grego *aesthesis* (sensação), por filósofos como Baumgarten e Kant, no século XVIII. Assim, surgiu a “narrativa estética” eurocentrada, a qual distinguiu e ainda distingue o diferente, classificando-o e desqualificando-o em relação à arte europeia, tendo início em um momento histórico em que os países colonizadores colonizaram as Américas, a Ásia e a África, e assim ascenderam economicamente e culturalmente.

Podemos associar a isso o processo artístico das mulheres que residem no âmbito rural, pois é também comumente chamado de artesanato, o que nos direciona a olhar à colonização do país e às marcas que vigoram até os dias de hoje na sociedade brasileira. Pensando nessa relação hierárquica entre feminino/masculino, cidade/campo, arte/artesanato, buscamos nos estudos decoloniais, que discutiremos na sequência, um modo de olhar para a especificidade do que nos rodeia, ampliando os olhares para as mulheres que somos e que nos constituíram, a partir de um olhar descentralizador.

Ainda falando sobre artesanato e sua produção no meio rural, cabe dizer que ele pode ser visto como um potencializador de aproximações nas comunidades rurais, sobretudo quando falamos de mulheres. A minha vizinha

é conhecida por ser uma das melhores no crochê da região, e há também uma costureira amiga da minha mãe aqui na vizinhança que vem fazendo máscaras ⁵ muito bonitas e de diferentes modelos.

Além disso, tanto a minha avó quanto a minha mãe dominam várias técnicas artesanais, entre elas as pinturas em pano de prato, o biscuit, o crochê, o bordado e a costura. No meu ponto de vista, essas duas são artistas de referência que me fizeram ter grande apreço por essas técnicas. Mas há uma grande diferença entre o que significa o artesanato para mim e para elas. Para minha mãe, por exemplo, o artesanato é muito mais que um apreço, ela o faz como uma maneira de conseguir uma renda extra. Principalmente porque, com a distância da nossa casa dos possíveis locais de trabalho, isso seria inviável.

O irônico é que hoje em dia ela ainda faz artesanatos pelo mesmo objetivo, mas já não tem tanto gosto na tarefa, pelo cansaço que é, segundo ela, fazer em grande quantidade, visto que não rende muito dinheiro. Tudo isso somado ao fato de ser, além de artesã, também mãe e agricultora, faz com que se torne uma sobrecarga.

1.1 Objetivos

Esta pesquisa visa compreender, por meio de uma leitura decolonial, o lugar do artesanato para mulheres do campo, com intuito de identificar o contexto que as leva a exercer tais tarefas e se isso se configura como uma possibilidade de resistência frente aos diferentes tipos de opressão e dificuldades que se colocam diante delas, especificamente no âmbito rural.

1.2 Aspectos teóricos e metodológicos

⁵ Durante o período da Pandemia da Covid-19, máscaras de pano eram utilizadas.

Partimos nesta pesquisa de uma perspectiva decolonial que coloca em discussão os princípios da ciência moderna. Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020) afirmam que a formulação “Penso, logo existo” de Descartes, no ano de 1637, é a pedra angular do cientificismo e do eurocentrismo. No *Discurso do Método*, Descartes configura duas ideias como fundamentais: a de solipsismo e a de dualismo corpo e mente, de maneira que inaugura uma concepção de pensamento científico que acredita ser universal, ignorando as sensações e percepções corporais e/ou geopolíticas.

Os autores trazem ainda que, mesmo que não se tenha definido quem é esse “eu” que pensa, logo existe, não há dúvidas de que se refere ao homem branco europeu. Dessa forma, inicia-se com Descartes uma divisão entre aqueles que se intitulam como capazes de produzir um conhecimento universal e aqueles que não são capazes de produzi-lo. Pode-se dizer, então, a partir de Porto-Gonçalves (2005), que a "colonialidade do saber" é resultado de: "um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias" (PORTO-GONÇALVES, 2005, p.4).

Nesse sentido, podemos mencionar algumas contribuições de Dulci e Malheiros (2021) acerca do modo de fazer ciência desde um lugar decolonial:

[...] as metodologias decoloniais não são neutras, mas apresentam sensibilidade às demandas dos corpos colonizados, que estão dentro das zonas do “não ser” da modernidade, e, ao assumir esse lugar epistemológico, se propõem a elaborar um caminho, conforme cada pesquisa, para decolonizar esses corpos e suas realidades, que não são pretensamente universais, mas reais, e estão dentro da América Latina. (DULCI, MALHEIROS, 2021, p.177).

Considerando essas questões, esta pesquisa configura-se como um estudo de caráter exploratório e que utilizou como instrumento de coleta de dados entrevistas em grupo e o diário de campo. Tendo em vista o contexto pandêmico (Covid-19), o estudo foi realizado por meio do contato remoto com as participantes, que foram convidadas por meio de uma página virtual aberta em uma rede social. Após este contato inicial foram realizadas entrevistas

grupais, uma delas ocorreu na Associação Iratiense de Artesãos, respeitando as medidas de distanciamento social devido à Pandemia da Covid-19, e a outra entrevista ocorreu online via *Google Meet*⁶.

Ambas as entrevistas foram transcritas e o conteúdo trazido nas discussões foi complementado com informações do diário de campo para realização da análise de dados. O diário de campo foi utilizado, tendo em vista a importância da dimensão da experiência nas pesquisas decoloniais (MIÑOSO, 2020), na articulação com os dados que foram sendo produzidos. O instrumento ainda materializa a consideração do lugar de enunciação como fundamental, destacando-se "o lugar geopolítico e corpopolítico do sujeito que fala" (GROSGUÉL, 2009, p.386). Considerando o fato de a primeira autora do texto ter crescido em um contexto rural, posteriormente ingressado na universidade, o diário de campo possibilita esse diálogo entre o seu olhar e experiência singular e a fala das artesãs que se materializou nesta escrita.

Participaram da pesquisa 4 mulheres artesãs que foram convidadas a partir da página aberta do Facebook "Artesanato de Irati", posteriormente, por meio de uma facilitadora pudemos entrar em contato com as artesãs via WhatsApp. Vale destacar ainda que, para manter o sigilo, foram utilizados nomes fictícios para as participantes, assim como para as pessoas cujo nome é mencionado em seus relatos.

Juliana é agricultora e artesã não atuante no momento, tem 65 anos de idade, era mãe de 6 filhos cerca de um ano antes da entrevista, mas relata que um deles veio a falecer. É casada e mora em uma comunidade que se localiza a aproximadamente 15 minutos do perímetro urbano do município de Irati, sua escolaridade é ensino fundamental incompleto, tendo estudado até a 4ª série. Rita é agricultora, artesã, tem 43 anos de idade, é casada e tem 2 filhos pequenos. Rita mora em uma comunidade que se localiza a

⁶ A entrevista online ocorreu com duas participantes- mãe e filha- entretanto foi utilizada apenas a fala da mãe, já que a filha era menor e não se enquadrava nos critérios de inclusão da pesquisa.

aproximadamente 20 minutos da área urbana do município de Irati e sua escolaridade não foi mencionada.

Elvira é benzedeira, artesã e agricultora, tem 62 anos e mora desde que nasceu em uma comunidade que fica há meia hora do perímetro urbano do município. Elvira é casada, tem 3 filhos e sua escolaridade é ensino fundamental incompleto, tendo estudado também até a 4ª série. E Ilda tem 37 anos, mora em uma comunidade que fica a aproximadamente 40 minutos da região urbana, é agricultora e artesã, casada, tem 2 filhos e possui o ensino fundamental completo.

Tendo em vista a perspectiva teórico-metodológica decolonial, esta pesquisa toma como pressuposto que é absolutamente necessário olhar para as realidades locais a partir de um crivo que não seja o eurocêntrico, buscando descolonizar nossos olhares de pesquisadoras. Assim, sem nos pretender neutras ou de fora da realidade investigada, o método possibilita olhar junto com essas mulheres do campo, tomando suas falas como materialidade a partir da qual se pode produzir conhecimento. É deste ponto de vista que foram construídas as linhas que organizaram nossa análise e são apresentadas na sequência. A primeira delas começa pelo questionamento acerca da própria definição de parte do nosso objeto de pesquisa.

2. Arte, Artesanato? Artistas, Artesãs?

O início do contato com as participantes foi feito a partir de um convite via *WhatsApp* para mulheres artesãs que morassem no campo e que tivessem mais de 18 anos de idade. Entre as quatro participantes que aceitaram fazer parte da pesquisa, 3 delas participaram da entrevista de forma presencial, na Associação Iratiense de Artesãos e outra participou virtualmente. Nesse sentido, para trazer a respeito das primeiras impressões do contato com as participantes, cabe mencionar alguns fragmentos do diário de campo: “2 delas são cunhadas e não poderiam ir pois, em Irati, estava chovendo muito, e

devido à parada na chuva, aproveitariam para trabalhar na roça.” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/10/21).

Esses relatos sinalizam que as artesãs estão envolvidas em várias funções relacionadas à maternidade, agricultura e sobrecarga de atividades artesanais, o que também dificultou a participação de várias delas em nossa pesquisa: “Outra delas disse que se fosse no período da manhã (horário do encontro) teria que ficar o dia todo na cidade e não poderia, pois tem várias coisas para fazer, ela havia dito antes que talvez pudesse ir, mas apenas se levasse suas duas crianças junto.” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/10/21). Foram convidadas cerca de dez mulheres, mas no dia do encontro presencial apenas 3 delas puderam comparecer. Em relação ao encontro remoto, foram convidadas 11 mulheres, 3 confirmaram, mas entraram na chamada apenas 2, sendo que uma delas era filha da participante que foi considerada, mas foi excluída da amostra por ser menor de idade.

No dia do encontro presencial ocorreu uma situação inusitada, pois uma das participantes, Elvira, foi até o local para participar, mas relatou que não tinha certeza se poderia fazê-lo, porque ela, na realidade, era benzedeira, e não artesã. Ainda assim ela participou conosco, se sentiu convocada a falar e a dialogar com a temática trazendo sobre sua prática, que considera artesanal.

A participação de Elvira em nossa pesquisa nos leva a pensar não apenas nas definições de arte e artesanato, mas também no que é o artesanato. Uma questão norteadora do nosso estudo era a possível dicotomia entre arte e artesanato, considerando as dimensões teóricas já apontadas (SANCHEZ, BRANDÃO, 2014) que colocam a arte e o artesanato em lugares diferentes, justamente por valores coloniais. Contudo, ao perguntar às participantes acerca dessa diferença, a questão não pareceu fazer sentido para elas.

Esse foi o primeiro exercício de rever posições dicotômicas, tão próprias das pesquisas a partir de uma visão eurocêntrica. Há uma coleta formal de

dados, mas há a experiência e relação que se produziu no contato com elas e que produziu efeitos na nossa escuta e na maneira com que pesquisamos.

Considerando o sistema de artes que se estrutura a partir das relações econômicas da globalização e de uma “narrativa estética” eurocentrada, criando hierarquias entre “arte” e “artesanato” (SANCHEZ; BRANDÃO, 2014), nos propusemos a olhar para a colonização do país e para as marcas que vigoram até hoje na sociedade brasileira, explorando os significados dos termos arte e artesanato na concepção das artesãs, no sentido de saber como essas terminologias são percebidas e se influenciam nas suas práticas cotidianas.

Assim, quando perguntamos para as participantes qual a opinião delas em relação aos termos arte e artesanato, Juliana respondeu: “Eu nunca parei pra pensar”. Houve um momento de silêncio e, então, a pesquisadora que estava conduzindo comentou que achava que era a mesma coisa, o que pode ter interferido nas respostas posteriores, como podemos observar nesse fragmento: “Eu não sei ... também acho que a mesma coisa...” (Elvira). A participante desenvolveu sua fala trazendo sobre o processo de pintar uma bolacha à mão ser arte, nesse sentido Rita acrescentou: “Isso se chama arte culinária”. Os sentidos de “arte” pareceram deslizar para aquilo que é belo ou caro para elas, como fica visível no fragmento a seguir, em que a participante fala de agricultura, ainda que o faça com a ressalva de que “quase” vem a ser arte:

Na agricultura quase que vinha a ser uma arte né que a gente aprendeu a fazer muitas coisas né também, e desde plantar o feijão, arroz, milho, batata doce, mandioca, batatinha, plantava muita batatinha, então, e daí aquele pouquinho que sobrava a gente fazia os artesanatos ou as artes que diz né, porque agora uma pintura numa bolacha, um pano, tem que ser arte né (Elvira).

Ao ouvir essas mulheres, percebemos que aquilo que havíamos sugerido como um dos pilares do estudo: “a dicotomia entre arte e artesanato”, parecia irrelevante para estas artesãs do contexto rural. Não faz diferença distinguir os termos arte e artesanato em sua rotina de práticas artesanais,

tampouco definir o que é o artesanato, visto que para as participantes não acarretaria diferença alguma em suas vidas serem reconhecidas como artistas ao invés de artesãs, ou ainda, no caso da participante que benze, ser reconhecida como benzedeira, artista ou artesã. Pareceu mais pertinente para elas dizer sobre suas práticas ou trabalhos, seus benefícios, sua rotina, as dificuldades, entre outros. Quando perguntado para Ilda se ela se definia como artista ou artesã, ela nos respondeu: “é, eu acho que artesã, sei lá a gente não consegue definir não”.

Ainda em relação às definições, durante a realização do estudo, quando a primeira autora participava de um grupo de artesanato de Irati, no *Whatsapp*, teve conhecimento e acesso à Portaria Nº 1.007 (2018), do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços e Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa, que denomina nacionalmente questões importantes para que artesãs e artesãos se configurem como uma categoria profissional, questões como: o que é artesanato e ser artesã/ão. Esta portaria é utilizada pelo setor de artesanato de Irati, a fim de regulamentar, entre outras coisas, quais produtos da Associação Iratiense de Artesãos podem ser comercializados no local.

A portaria delinea alguns elementos importantes sobre o que é o artesanato no Brasil, embora não traga quase nada sobre arte. No texto, parece claro que o artesanato tem um valor cultural forte, o que é percebido popularmente também: as pessoas viajam para determinadas localidades e costumam comprar de artesãs/ãos locais, por exemplo, para lembrar como foi, como são as pessoas, os costumes, etc.

Percebe-se, ainda, a desvalorização desses trabalhos, talvez por esse mesmo motivo cultural, de ser feito pelo povo, sem necessariamente haver algum curso ou formação, nem um reconhecimento profissional. Essa questão da desvalorização esteve muito presente na fala das participantes, um dos exemplos é o relato de Ilda, que aponta para a dificuldade de produção e para a pouca valorização dos produtos artesanais em termos de mercado: “Mas é

bem fraco na verdade não apoia muito né, tipo quem vê as vez diz que é muito caro e que não sei o que né, mas não sabe o tempo, tudo né que você faz ali com carinho tudo, não entende (Ilda).”

Isto nos leva a pensar em como se organiza a vida em uma civilização atravessada pelo sistema econômico capitalista. Dessa forma, é importante considerar, como traz Grosfoguel (2020), que o capitalismo não deve ser visto como um sistema econômico isolado das lógicas civilizatórias da modernidade. Ele é histórico e está atravessado por outras lógicas que transcendem as relações econômicas, incluindo relações raciais, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, pedagógicas, epistemológicas, entre outras, sendo o capitalismo uma das partes de um sistema mundo moderno/colonial.

Nesse sentido, percebemos nas falas das participantes os atravessamentos deste sistema econômico que constitui um sistema mundo moderno/colonial, estando presentes no seu dia-a-dia dificuldades relacionadas à lógica capitalista de modos rápidos de produção e de consumo, no sentido de que muitas vezes possíveis clientes consideram os valores dos produtos em série como base. Dentro dessa lógica, os produtos artesanais são considerados pelos/as consumidores/as como muito caros, de modo que as artesãs precisariam baixar o preço para vender algo, o que acaba desvalorizando muito o seu trabalho de várias horas gastas na prática artesanal e alto custo das matérias primas utilizadas.

Na esteira da discussão sobre arte/artesanato, a participação de Elvira, ao narrar sobre o ofício de benzedeira, produziu importantes deslocamentos na pesquisa, já que trouxe a questão do conhecimento passado por gerações, a presença de tradições e uso de matéria prima que, inclusive, é plantada pela própria família para confecção dos “remédios” por ela mencionados e utilizados em seus benzimentos, em forma de mandalas feitas com cravo, alecrim, arruda, entre outros:

Mais tarde a gente foi deixando esse artesanato de lado (referindo-se ao crochê e ao tricô) e o meu artesanato de agora, do momento de

muitos anos atrás é sobre remédio, remédio caseiro. Vou falar sobre benzimento aqui também né que a gente aprendeu fazer, e fazia aqueles é, tipo artesanato mas como benzimento né, benzendo as pessoas, curando as pessoas, que eu achei que era mais atribuído pra mim né e a gente aprendeu muito sobre remédio, fazer artesanato, tipo artesanato, remédio na verdade, mandala de remédio (Elvira).

Considerando a amplitude do que pode ser considerado artesanato, a própria participação de Elvira na pesquisa nos fez refletir sobre a definição dessa prática e trouxe muitas contribuições. O que ela traz sobre o benzimento como artesanato, a confecção dos remédios naturais em mandalas, parecia algo muito distante das práticas comumente categorizadas como artesanato: tricô, crochê, pintura, etc. Porém, se tomamos a definição mencionada na Portaria 1007/2008, observamos que possui todas as características: carrega uma tradição e conhecimento passado de geração em geração, cultivado e mantido como algo muito significativo e relevante na sua vida e na vida de muitas pessoas ao seu redor, sendo prática representativa de um grupo/comunidade.

Assim, a posição dicotômica que trazíamos entre arte e artesanato e a categorização dessas mulheres como artistas ou artesãs foi sendo desconstruída na relação com as participantes, dando espaço para as práticas, mais do que para as nomeações.

2.1. Artesanato é coisa de mulher?

Quanto à questão do gênero de artesãos e artesãs, as participantes relataram que há mais mulheres artesãs do que homens, por estarem na maior parte do tempo no ambiente da casa enquanto os homens estão na lavoura, ou em outras atividades que envolvam a agricultura, pecuária, entre outras atividades do meio rural. Elas destacaram ainda que há homens artesãos que trabalham com madeira e confecção de móveis, de decorações, etc. Nesse sentido, quando perguntado se as práticas de artesanato são feitas

mais por mulheres, e o porquê disso, Rita disse: “Eu acho que sim. Homem geralmente trabalha fora né, no caso do interior né, homem trabalha na lavoura”.

Destaca-se no relato dessas mulheres a presença de uma divisão dos papéis de gênero relacionados a elas e a seus companheiros "homens no interior". Há essa afirmação de que o artesanato é mais feito por mulheres por estarem em casa, enquanto os homens trabalham na lavoura. Contudo, suas falas apontam que, além de fazerem artesanato, também cuidam da casa, de filhos/as, familiares e, inclusive, trabalham na lavoura. O artesanato vem como uma outra opção frente às suas oportunidades sendo esposas, mães, agricultoras e mulheres que moram e trabalham no campo. Os relatos de uma das participantes exemplificam isso: “sempre fui agricultora né desde pequenininha tinha sete anos o pai levava na roça pra plantar feijão” (Elvira), ainda diz, posteriormente: “Hoje eu sou enfermeira do meu marido porque deu AVC nele há nove anos atrás, então, é e mais essa profissão ainda, de enfermeira” (Elvira).

Outra participante, ao responder sobre sua profissão, afirma: “Lavradora, quando tem homem produtor é só isso que dá né?” (Juliana). Coloca-se nesse depoimento a relação que se estabelece entre homens e mulheres no campo: se o homem é produtor rural, por consequência, a mulher será lavradora, trabalhadora rural. No estudo de Kempf (2019), a autora traz que, no contexto rural, ainda que não haja muito o trabalho assalariado, a realidade presente em um sistema-mundo moderno em que se criou uma divisão entre trabalho produtivo e reprodutivo e que produziu uma desvalorização financeira e social do trabalho das mulheres e um sexismo institucionalizado, pode ser percebida de algumas formas neste contexto:

Um exemplo disso é o fato de os homens comercializarem os produtos mesmo quando esses foram produzidos pelas mulheres, algo muito comum em famílias rurais. Tal fato ocorre porque o espaço público é considerado masculino, no qual o “chefe da família” é encarado como o responsável pela realização das atividades externas à unidade de produção, encarregado das relações econômicas e políticas, como as

tratativas com os bancos, as cooperativas, os sindicatos, os técnicos e os órgãos de extensão rural, por exemplo. (KEMPF, 2019, p. 3)

Considerando essa dinâmica entre o trabalho masculino e feminino no campo, o deslocamento para atividades artesanais pode se colocar como forma de resistência em atuar apenas na extensão do trabalho de seus companheiros, conforme podemos observar no caso de outra participante, Ilda. Ela conta que seu marido também faz artesanato junto com ela. No caso dessa participante, toda a família está envolvida nesta prática, que se configura como uma das fontes de renda, mas cada integrante exerce uma função diferente: pai e filho lidam mais com a parte inicial do trabalho, com a matéria prima, e menos com a parte criativa, enquanto as mulheres atuam de forma mais ativa na produção.

Ao comentarmos sobre o fato de o filho também fazer o artesanato, Ilda relata: “ele fazer o artesanato não muito, ele ajuda a cortar na verdade os EVA, as coisas, mas o meu marido faz, ele é o principal quase junto comigo”. O artesanato aparece como uma prática que pode ser feita por todos, mas, nesse caso, o interesse aparentemente surge a partir da relação comercial por meio da venda dos produtos, já que o marido começa a ajudar no trabalho apenas quando a demanda pelos produtos (flores de EVA) aumenta.

Quando comentado sobre todas as tarefas que uma mulher que mora no campo pode ter, Ilda relata:

É, na verdade não dá conta de tudo, eu, a Ketlin (filha) fica fazendo os artesanatos dela e faz o almoço pra nós tudo e daí nós vamo na roça, e ela vai... daí que ela fala de querer ir na roça e nós ‘não, fica na casa que na roça eu vou’ hahaha mas é tipo, sempre, daí o meu marido ajuda nós trabalhamos junto na roça e junto no artesanato e na casa ele ajuda bastante, nos serviço. (Ilda).

Nesse caso, parece um pouco mais igualitária a divisão de tarefas nos trabalhos da família. Ainda que a divisão seja diferente entre os gêneros, considerando que Ilda menciona “ele ajuda bastante”, explicitando que os serviços da casa são mais responsabilidade dela e da filha, o fato de toda a

família estar envolvida nas tarefas domésticas, rurais e artesanais, pode acarretar na diminuição da sobrecarga em serviços muitas vezes feitos apenas pelas mulheres.

Percebe-se nos relatos que há um reconhecimento da divisão de gênero (LUGONES, 2008), mas há algum deslocamento, o que se verifica, sobretudo, no exemplo trazido por Ilda, quando a questão de gênero passa a ser menos importante a partir do momento em que entram em cena questões relacionadas à renda. Assim, há um maior atravessamento do capitalismo, mas de alguma forma o artesanato dá lugar à mulher na família. Partindo das questões de gênero, discorreremos a seguir acerca de possíveis estratégias de resistência por meio do artesanato.

2.2 Estratégias de resistência

Os relatos das participantes, principalmente a respeito do papel da prática artesanal na vida delas, demonstraram que o artesanato enquanto produto auxilia na questão de independência financeira, ou minimamente de renda extra, para todas elas. Nesse sentido, quando foi perguntado se o artesanato gerava alguma renda, seja renda para elas ou para sustento da família, Rita respondeu: “Pra mim, desde os 15 anos eu me mantenho”. Posteriormente ela complementa: “eu me mantenho, mas depois que eu tive as crianças já, nossa *hahahaha*”.

Nesse sentido a participante traz que depois do nascimento de seus filhos esse dinheiro não foi mais suficiente, ainda assim, ela enfatizou a importância dessa renda para ela: “Aí já complica *haha*, mas antes dava certo nossa, eu me lasco, né, mas não preciso de financiamento do marido, de nada *hahaha*, o que ele pode eu posso”. A partir dessa fala, a pesquisadora que estava conduzindo a entrevista menciona que era nesse ponto que queria de chegar, para saber se proporciona certa autonomia, e a participante complementa: “*Aham*, mas é a melhor coisa que tem, ser independente

financeiramente, é horrível você esperar: ‘ai preciso de dinheiro’, daí: ‘quanto?’, *nah*, vai se lascar”.

Quando Rita comenta: “eu me lasco, né, mas não preciso de financiamento do marido, de nada *hahaha*”, fica evidente novamente a questão que foi trazida anteriormente sobre o trabalho artesanal não ser muito valorizado, sendo necessário ela “se lascar” para conseguir a renda, considerando o preço alto da matéria-prima, do cansaço causado pelo trabalho artesanal e o pouco dinheiro que gera.

A participante fala em outros momentos sobre as dificuldades da venda dos produtos, sendo melhor vender em eventos com maior quantidade de pessoas, ou por encomendas, do que fazer produtos aleatoriamente e deixar em casa: “as coisas que eu faço lá, no povo tem quem gosta, encomenda, que nem ela falou né, encomenda: ‘ai eu quero um cesto com 50 fruta eu quero cesto com 10’ não adianta você fazer e deixar, se não, não adianta, é dinheiro parado.” A participante passou grande parte do encontro falando sobre um evento de venda de artesanatos que iria acontecer em breve, no qual colocaria os seus artesanatos em exposição, dizendo sobre como ele dá um “boom de vendas” principalmente porque vêm pessoas de fora da cidade.

Levando isso em consideração, além de o artesanato propiciar uma renda, também aparece como uma estratégia de resistência frente às opressões vividas no sentido de que fazer artesanato é uma forma de conseguir maior autonomia e garantir um lugar enquanto provedoras de alguma renda na família.

Entre as situações relacionadas à renda, apenas uma participante, Elvira, a benzedeira, disse que não cobra pelos seus serviços, principalmente devido a sua prática religiosa. Afirma que, em vez de cobrar em dinheiro, pede que a pessoa dê algo em troca caso tenha e caso queira. Essa prática dialoga com alguns princípios comunitários que envolvem situações de troca de favores e de coisas entre pessoas da comunidade, prática esta que contribui para a qualidade da vida cotidiana neste contexto. Nesse sentido, cabe trazer

um fragmento de fala de Elvira: “Aí às vezes a gente não tem um alimento, às vezes a gente não tem uma mandioca, não tem alguma coisa, uma verdura, é uma coisa que entra como se fosse uma renda né, pra gente ir sobrevivendo.”.

Quando o assunto foi a respeito de com quem estas mulheres aprenderam a fazer artesanato, assim como as outras participantes, Elvira comentou que foi com mulheres da sua família: “Ah, com quem eu aprendi, eu aprendi com a minha vó, né, vó Luiza que ela era parteira, benzedeira, remedieira, e a gente aprendeu com ela, depois um pouco com minha mãe também”. Juliana diz: “bom eu aprendi criança ainda, com uns 10, 11 anos já, aprendi vendo minha mãe fazer tricot”.

Estes relatos demonstram a prática compartilhada de caracterização do feminino e de resistência entre as mulheres da família, principalmente entre avós, mães e filhas, algo que pode ser compreendido como uma forma de fortalecer os laços, ensinando formas de existir, de gerar renda, de cuidar, etc. Assim, percebemos que o artesanato é uma prática que geralmente não se aprende, a princípio, por meio de cursos ou formações, mas por meio de um conhecimento passado de geração para geração que ocupa um papel central na vida destas mulheres.

De forma geral, fazer artesanato aparece como uma maneira de conseguir maior autonomia, maior mobilidade destas mulheres por outros espaços, ampliando a comunicação com outras pessoas e aumentando a rede de afetos. O artesanato aparece, desse modo, como um potencializador das aproximações, frente às tantas distâncias existentes no contexto rural. Quanto a isso cabe trazer um relato de fala de Ilda a respeito da confecção de coroas de flores para o dia de finados, no qual se destaca a questão da mobilidade e do contato com outras pessoas das comunidades vizinhas e do quanto essa prática gera satisfação com o trabalho: “viemos nas comunidades vizinha como no cedro da ponte alta, canhadão, cachoeira, palmital, cadeadinho, rio do couro, tem sempre as comunidades aqui vizinhas, tamo pensando cada vez mais longe”.

O artesanato é também considerado pelas participantes como uma forma de “ocupar a cabeça”, de produzir saúde mental. Chegamos nesse assunto a partir do momento em que Juliana nos contou que havia perdido o filho há cerca de um ano, tempo que ela estava sem fazer artesanato por conta do luto. Após comentar sobre a idade em que começou os artesanatos, como aprendeu e quais artesanatos fazia, Juliana disse: “agora faz um ano e meio que não faço nada mais”. Quando perguntado por que havia parado, ela suspirou e disse para que esperasse um pouco. Percebendo que se tratava de conteúdo sensível, a pesquisadora disse que não precisava comentar caso não quisesse, então Juliana disse: “Eu perdi meu filho”.

Na sequência, Rita dialogou com Juliana, contando sobre como havia elaborado o luto pela perda de sua mãe anos atrás a partir do artesanato: “Então é uma coisa pra ocupar a cabeça, né, eu consegui vender bastante e agora tá aí, né. É cada pessoa do seu jeito, mas ajudou”. Elvira também comentou que fazer artesanato ou seus benzimentos e remédios evita que ela “pense bobagem”, nesse sentido ela diz: “então é muito bom e depois a gente ocupa a cabeça e não fica pensando em coisas, diz coisas ruins, negativas né”.

Nesse sentido, fazer artesanato parece ser estratégia de vida que é tomada diferentemente por cada mulher: ora para superar uma perda, elaborar uma situação de luto, como forma de ocupar a cabeça; ora como atividade que precisa ser interrompida para se viver o luto, justamente por se colocar como algo que remete à vida e à criação. Como disse uma das participantes: "cada pessoa do seu jeito".

3. Palavras finais: Entre “nós”: conversas sobre arte e artesanato

Esta pesquisa surgiu de distanciamentos e aproximações. Podemos dizer que ela se manteve assim no processo de escrita e no que reverberou para além disso também. Ocupando uma posição dúbia enquanto estudante e

alguém que morou no campo praticamente toda a vida, com exceção dos anos de graduação, a primeira autora partiu de vivências/experiências próprias e compartilhadas com outras mulheres, as quais passou a ler por meio de discussões teóricas. Desse modo, as relações entre o artesanato, a agricultura, a maternidade, ser dona de casa, a baixa escolaridade, são marcas comuns que estabeleceram aliança entre a pesquisadora e as participantes, na medida em que também fazem parte da rotina das mulheres de sua comunidade.

Entretanto, assim como dito no início, isso não é tanto sobre nós individualmente, mas sobre os “nós” da conversa com as artesãs, que se formaram algumas vezes. Desse encontro, apareceram algumas questões que esperávamos, como a relação entre mulheridades, artesanato, agricultura, maternidade, porém, apareceram questões para além dessas como alguns deslocamentos nas relações de gênero e estratégias de resistência por meio do artesanato que envolvem saúde mental, luto, mobilidade, alianças e geração de renda.

Ainda, aspectos que considerávamos fundamentais como a dicotomia arte-artesanato, revelaram-se não importantes para as participantes, pois elas preferiam falar muito mais sobre seus problemas e vida cotidiana do que apenas sobre o que diz respeito ao artesanato. O artesanato revela-se como prática que produz vida, portanto, pouco importa como se nomeia, mas as cadeias e redes nas quais essa prática está envolvida no cotidiano. Poderíamos dizer que este foi o mais importante de todo o processo: aquilo que escapou de nós.

A entrevista que ocorreu presencialmente nos fez pensar nos motivos daquelas mulheres estarem ali: uma era benzedeira, outra não fazia artesanato há aproximadamente um ano devido a uma situação de luto e apenas a terceira delas era artesã ativamente no momento. Mas as três quiseram ir a partir de um convite para falarem sobre o significado do artesanato em suas vidas, portanto se identificaram como artesãs.

No final do encontro elas também disseram que "esperavam ter ajudado". Não há dúvidas que não só ajudaram, mas fizeram parte da pesquisa, de fato, afinal mexeram em pressupostos, paradigmas, modos de fazer pesquisa que deveriam ser repensados na construção de um estudo norteado a partir de uma perspectiva decolonial. A afirmação de ter ajudado, ainda que possa ter aparecido como força de expressão, desloca lugares de saber e poder: não é a academia que as ajuda, mas elas que nos ajudam trazendo pautas e questões para a produção do conhecimento.

Como apontam Dulci e Malheiros (2021), pesquisar a partir de uma perspectiva decolonial não segue exatamente um modo de fazer, um método e instrumentos específicos. Mas algumas coisas são importantes a serem consideradas, como, por exemplo, a maneira como combinar a razão e o amor com o corpo e o coração, colocando a possibilidade de pensar em práticas metodológicas pautadas por uma prática descolonizadora, que tem como cerne o reconhecimento da dimensão do "ser sentipensante".

A primeira autora inicia este trabalho trazendo que: "Acredito que a pesquisa tem muita relação com aquilo que se move dentro de nós, com uma vontade de entrelaçar as ideias que surgem com constância e desejo de serem entendidas." Vontade esta que foi abraçada pela orientadora e segunda autora, intermediando e construindo a todo momento a leitura e escrita a partir das perspectivas decoloniais, auxiliando no processo de tornar possível todo o conteúdo materializado até então.

Além disso, e mais importante, pensando juntas sobre o nosso lugar enquanto pesquisadoras, qual o nosso papel e o que produzimos quando sentamos e escrevemos a partir e para aqueles/as que têm algo a dizer. Colocamos algumas questões para as quais não tivemos resposta, recebemos resposta para outras questões que não perguntamos. Nisso se fez laço, produziu-se conhecimento em "com-junto". Ao final dessa jornada, concluímos que fazer pesquisa não envolve tanto entrelaçar ideias e entender o que se move dentro de nós, mas o que pode haver para além disso.

Referências

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, ago. 2013.
- BORTH, Luana Cristina, *et al.* Rede de enfrentamento à violência contra mulheres rurais: articulação e comunicação dos serviços. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, supl. 3, p. 1287-1294, 2018.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BRASIL. **Portaria nº 1.007/2018**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://pap.pb.gov.br/institucional/documentos-do-programa-do-artesanato-paraibano/portaria-no-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-imprensa-nacional.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- BRASIL. **Resolução 466/2012**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- BRASIL. **Resolução 510/2016**. Brasília, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 31 jan. 2023.
- BRASIL. **Processo nº 25000.052556/2020-64/2020**. Brasília, 2020. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/CARTAS/SEI_25000.052556_2020_64.pdf. Acesso em: 31 jan. 2023.
- BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'**. 11. ed. Campinas: Cadernos Pagu, 1998.
- DULCI, Tereza Maria Spyer, MALHEIROS, Mariana Rocha. Um Giro Decolonial à Metodologia Científica: Apontamentos Epistemológicos para Metodologias desde e para a América Latina. **Revista Espirales**, Foz do Iguaçu, Edição Especial: janeiro 2021, p. 174-193, jun. 2021.
- FISCHER, Stela Regina. **Mulheres, Performance e Ativismo Feministas Decoloniais**. 2017. 10 p. Tese (Doutorado em Pedagogia do Teatro) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- GROSGOUEL, Ramón. Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 383-418.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: Perspectivas Decoloniais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- KEMPF, Renata Borges; WEDIG, Josiane Carine. Processos de resistência de mulheres camponesas: olhares pela perspectiva decolonial. **Mundo Agrario**, La Plata, v. 20, n. 43, p. 111.e1-111.e2, abr. 2019.
- LUGONES, María. **The Coloniality of Gender**. Lanham: Worlds & Knowledges Otherwise, 2008.
- MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, dez. 2005.
- MIGNOLO, Walter. La opción decolonial: desprendimiento y apertura. Um manifesto y un caso. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 8, p. 243-282, jan./jun. 2008.
- MIÑOSO, Yuderlys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América

Latina. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Pensamento feminista hoje: Perspectivas Decoloniais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 111-140.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. *In*: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Argentina: CLACSO, 2005. p. 3-6.

QUINTERO, Pablo *et al.* Uma breve história dos estudos coloniais. *In*: CARNEIRO, Amanda (Org.). **MASP Afterall**. Edição 2019. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 2019. p. 1-12.

ROBERTI, Maria Eduarda. (Orientação Kátia Aleksandra dos Santos). **Mapeamento de atendimento e enfrentamento à violência contra a mulher na Rede de Proteção e Enfrentamento à Violência do município de Irati-PR**. 2020. 19 p. Relatório de Iniciação Científica (Graduação) - Psicologia. Universidade Estadual do Centro-Oeste-Unicentro, Irati - PR, 2020.

SANCHEZ, Daniel Pellegrin; BRANDÃO, Ludmila. Colonialidade da Arte. *In*: Seminário do ICHS – **Humanidades em Contexto: Saberes e Interpretações**. Cuiabá, MT: Sistema de Eventos Acadêmicos da UFMT, 2014. p. 683-692. Disponível em: <https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/seminarioichs/seminarioichs2014/paper/viewFile/1620/373>. Acesso em: 26. ago. 2022.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

Artigo recebido em: 12/02/2023.

Aceito para publicação em: 04/07/2023.